

26-03-2021

SUBJETIVIDADE E ADOECIMENTO: MEU CORPO É O MUNDO

Ana Carolina de Oliveira Marques

[Presid. Assoc. Geógrafos Brasileiros (Goiania). Comitê Goiano de Direitos Humanos Dom Tomás Balduino. Prof. PPGEQ/Univ. Est. Goiás. Grupo "Espaço, Sujeito e Existências/IESA-UFG]

Também geógrafos têm se interessado na investigação do adoecimento coletivo. Alastra-se a compreensão de que interrogar as dores do corpo é um modo de interrogar as dores do mundo, os sinais de esgotamento da natureza humana e não humana. Pois bem: o que o adoecimento dos corpos, das subjetividades nos diz do adoecimento do mundo? Participei recentemente de um debate acerca do "Adoecimento e Subjetividade".

Pessoas competentíssimas pautaram o tema sob distintos, porém convergentes ângulos. Um consenso se deu de imediato: estamos todos adoecidos. E não poderia ser diferente, vivendo num mundo adoecido e adoecedor. Ancorada no pensamento de Suely Rolnik, minha fala se estruturou em 4 pressupostos, tendo como ponto de partida a Psicanálise e ponto de chegada, a Geografia.

Na chegada sugeri algumas sementes - disponíveis ou latentes - para enfrentar o adoecimento do mundo.

Primeiro pressuposto: a indissociabilidade sujeito-mundo. O "entre" como condição existencial do ser humano. A partir disso, Rolnik (2021) propõe uma cartografia do humano com dois planos: o pessoal e o extra pessoal. Na esfera pessoal somos sujeitos de cultura dotados de repertórios ou gramáticas de vida.

No extra pessoal, somos viventes à semelhança dos demais seres movidos por forças vitais, hora em baixa, hora em alta. Nessa esfera, somos componentes de ecossistemas (naturais, psicossociais) e o desequilíbrio destes afeta a nossa energia vital.

Segundo pressuposto: o capitalismo não rege apenas a economia e a política, há um modo de produzir e governar as subjetividades. Daí, soma-se à alienação dos meios de produção, do trabalho, da cultura, a alienação da força vital que anima nossos corpos. O que nos conduz a um "mal-estar" extremo que, não elaborado, produz sofrimento em grau desagregador.

Segundo Rolnik, o modo "colonial racializante capitalístico de subjetivação" provoca uma surdez radical aos sinais da vida. Desativa os nossos conhecimentos para decifrá-los. Nos forja alheios aos ecossistemas. E aqui, o Covid-19 é bastante conveniente: "vira a chave" dos nossos sentidos (audição, olfato, paladar), restringe nosso campo de visão e de relação.

O vírus vem em boa hora, em meio à mutação psíquica (Safatle, 2020) que produz a indiferença e a desafeção como afetos fundamentais no regime neoliberal.

Terceiro pressuposto: há o predomínio, no regime existencial capitalístico, do que Rolnik designa "subjetividade reativa". De forma resumida, trata-se de uma recusa ao que está ausente (desconhecido, silenciado) no repertório cultural da esfera pessoal. Vivendo nós, há longos séculos, sob a tríade do "capitalismo, colonialismo e patriarcado" (Boaventura Santos, 2019), logo, a preponderante subjetividade reativa age para a reprodução de tais sistemas de opressão. O contrário seria uma subjetividade ATIVA, sensível ao que está latente e ainda sem linguagem, sem modo de expressão. Uma subjetividade que desobstrua o canal entre as esferas pessoal e extra pessoal.

Uma subjetividade que escute o grito do mundo, da natureza, que permita que o desejo CRIE outras gramáticas de vida.

Quarto pressuposto: a batalha micropolítica aponta para as culturas não ocidentalizadas, os movimentos sociais e a arte como dispositivos de subjetivação ativa. Enquanto a racionalidade moderna insiste na separação entre as esferas pessoal e extra pessoal, entre o humano-sociedade e a natureza, as culturas não ocidentalizadas há muito proclamam a totalidade do ser: *Inhee* ("palavra-alma" na cosmologia guarani-kaioá), *corpo-território* (na cosmologia mapuche). Não por acaso, cresce o interesse de pensadores por suas "geografias-em-forma-de-vida" (Marandola JR, 2018).

Por outro lado, dos movimentos sociais, o Feminismo - ou parte dele (hooks, 2019) - implode o tal repertório cultural (racista, sexista, capacitista, capitalista), reclamando a reconstrução da sociedade sob novas bases e relações (o que é bem diferente da troca de papéis entre homens e mulheres ou da distribuição equivalente de postos de dominação). O Feminismo trabalha na emergência de um novo sujeito. E a arte... ahhhh, a arte... Essa foi a melhor das invenções humanas para nos ligar à esfera extra pessoal, à natureza que somos e para nos acalantar frente à angústia provocada pela consciência de nossa finitude e pequenez. Em tempos de desafeção, indiferença, "mortes sem dolo" (Safatle, 2020), a arte é a guardiã dos afetos. ■ ■ ■

Referências

- Marandola JR, Eduardo. Olhar encarnado, geografias em formas-de-vida. *GeoTextos*, v. 14, n. 2, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/geotextos/article/view/28599>
- hooks, bell. *Teoria Feminista: da margem ao centro*. SP: Perspectiva, 2019.
- Rolnik, Suely. Há algo de irreversível no ar: notas para descolonizar o inconsciente. Disponível em: <https://youtu.be/1X5xqXPvgNU>. 2021.
- Santos, Boaventura de Sousa. *O fim do Império cognitivo – a afirmação das epistemologias do Sul*. – 1 ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.
- Safatle, Vladimir. Para além da necropolítica. Disponível em: <https://racismoambiental.net.br/2020/10/24/para-alem-da-necropolitica-por-vladimir-safatle/>

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.